

— Será sempre bem-vindo. Volte ao nosso setor, quando quiser. Seu concurso ser-nos-á valioso estímulo!...

Não encontrei expressões para corresponder-lhe à generosidade humilde, mas creio que o devotado auxiliador compreendeu-me o olhar de profundo reconhecimento.

E, acompanhando o meu instrutor, de volta à nossa colônia espiritual, reconheci que meu entendimento se dilatava, como se nova fonte de luz me borbulhasse no coração.

XX

Adeus

Esperava a continuidade de meus estudos novos em companhia de Alexandre; todavia, com surpresa, o meu amigo Lísias foi portador de um convite que me destinara o caritativo instrutor. Tratava-se de uma reunião de despedidas.

Li a mensagem pequenina e delicada, erguendo os olhos para o mensageiro.

— Despedidas? — perguntei.

Esclareceu-me Lísias, pressuroso:

— Sim. Alexandre, como acontece a outros orientadores da mesma posição hierárquica, de quando em quando se dirige a planos mais altos, desempenhando tarefas de sublime expressão que nós ainda não podemos compreender. Creio deva partir amanhã, em companhia de alguns mentores que lhe são afins, e deseja apresentar despedidas aos colaboradores e aprendizes, na noite próxima.

— E os trabalhos da Crosta? — indaguei — não é Alexandre um dos instrutores diretos de um dos grandes agrupamentos espiritistas que conhecemos?

O companheiro respondeu com segurança:

— Naturalmente, já foi providenciada a substituição devida, de acordo com o mérito e aproveitamento da instituição a que você se refere.

E sentindo, talvez, a mágoa que me invadira o espírito, Lísias comentou:

— O que lhe posso assegurar é que o venerável orientador não nos esquecerá. Dirigindo-se

a esferas mais altas, a única preocupação dêle será o serviço de Jesus, com o enriquecimento de si mesmo para ser-nos mais útil.

— Entretanto — objetei — far-nos-á muita falta... Sinto que nos deixará em meio da tarefa, quando tanto necessitamos de seu concurso valioso para o aprendizado...

Lísias percebeu a natureza passional de minha ponderação e obtemperou, firme:

— Nada de egoísmo, André! Sabemos que Alexandre se ausentará em serviço, mas ainda mesmo que a sua excursão fôsse muito longa e plenamente consagrada ao repouso recreativo, cabe a nós outros, seus devedores, a participação da alegria de seus elevados merecimentos. E' necessário examinar o bem que ainda se pode fazer, vibrando de júbilo e esperança com as realizações porvindouras, para não sermos indolentes e improdutivos, não devemos, porém, esquecer o bem que se fez ou que recebemos, afim de não sermos ingratos.

Aquela observação teve a virtude de acordar-me a consciência. Coloquei-me no equilíbrio emocional indispensável. Modifiquei a atitude íntima, reagindo contra as primeiras impressões que a notícia me causara.

O amigo bondoso compreendeu, sorriu e acentuou:

— Ao demais, não podemos esquecer as obrigações que nos são próprias. O aprendizado, nos cursos diversos em que se apresenta, chega sempre a um fim, embora a sabedoria seja infinita. Precisamos demonstrar aproveitamento prático das lições recebidas. Que melhor testemunho de assimilação poderemos dar ao instrutor amigo que o de receber-lhe o campo de serviço, em que a sua bondade nos iniciou, até que êle volte da provisória excursão?

— E' verdade! — exclamei.

E, reanimado pela palavra esclarecedora do companheiro, conversamos por abençoados minutos,

prometendo-me Lísias regressar ao crepúsculo, afim de seguirmos juntos para a reunião referida.

À noitinha, voltava o prezado companheiro e pusemo-nos a caminho em agradável palestra.

Contemplado de nossa colônia espiritual, o firmamento mostrava-se singularmente belo. Numerosas constelações brilhavam deslumbrantes, e a Lua, muito maior do que ao ser vista da Crosta Planetária, figurava-se mais acolhedora e tranqüila. Distantes do bombardeio dos raios solares, que renovam a vida incessantemente, as flores exalavam delicioso perfume, dançando de mansinho aos sopros do vento leve.

— Muitos aprendizes de Alexandre — comentava Lísias, àlacremente, — virão visitá-lo esta noite. Mantenhamo-nos à altura dos demais, conservando atitudes interiores de gratidão e serenidade.

Concordava, com esforço, lembrando-me das sublimes lições recebidas. Alexandre sabia fazer-se amar. Superior sem afetação, humilde sem servilismo, orientador sempre disposto, não somente a ensinar, mas também a aprender, atendia aos elevados encargos que lhe eram atribuídos, sem qualquer desvario do "eu", profundamente interessado em cumprir os desígnios do Pai e em aceitar nossa co-operação singela, aproveitando-a. Em virtude da sua abençoada compreensão, aquêlê afastamento, embora temporário, do instrutor, doía-me no espírito.

Nessas disposições íntimas, contra as quais reagia prudentemente, alcançamos o belo edifício residencial onde se reuniria a afetuosa assembléia.

Entramos.

Surpreendeu-me o salão magnificamente iluminado. Não havia luxo decorativo no interior; todavia, o lampadário em forma de estrêlas, irradiando claridade azul-brilhante, proporcionava ao ambiente uma expressão de misteriosa beleza, de mistura à elevada espiritualidade. Delicados e simbólicos arabescos de flores naturais adornavam as paredes, dando-nos a impressão de alegria e bem-estar.

Apresentado por Lísias a diversos companheiros, certifiquei-me, depressa, do pequeno número de aprendizes que ali se congregariam. Comparariam apenas os discípulos de Alexandre, com permanência eventual em nossa colônia, sessenta e oito colegas, inclusive quinze mulheres. Todos os presentes referiam-se ao mentor amoroso com palavras encomiásticas. Éramos todos nós grandes devedores ao seu coração.

Verificada a presença de todos os convidados, veio até nós o benévolo instrutor, dividindo o carinho de suas saudações com cada um, sem desperdício de atitudes exteriores. Era o mesmo Alexandre, admirável e simples. Irmanado conosco, deixando-nos inteiramente à vontade, entendeu-se com todos nós, individualmente, a respeito das nossas tarefas, estudos, realizações. Em seguida, com toda a naturalidade, começou a falar-nos, em tom paternal:

— Sabem vocês o objetivo da presente reunião. Quero apresentar-lhes minhas despedidas, em virtude da ausência temporária a que sou compelido por elevadas razões de serviço.

Notei pelo olhar dos circunstantes que a maioria partilhava comigo o mesmo desgosto. Devíamos intensamente àquele espírito sábio e benevolente.

Depois de pequena pausa, continuou:

— Conheço a pureza do amor que vocês me dedicam e estou certo de que não ignoram a extensão da estima que lhes consagro. E' natural. Somos amigos na mesma empresa do bem e associados felizes na execução da Divina Vontade. Companheiros de luta edificante, pesar-nos-ia, sobremaneira, a separação de agora, não obstante efêmera, se não guardássemos no âmago da alma a luz do esclarecimento.

Nesso ponto, Alexandre fez longo intervalo, descansando seus olhos nos nossos, como a perscrutar-nos o íntimo, e prosseguiu:

— Alguns colaboradores, a quem muito devo,

endereçaram-me apelos para que permaneça em nossa colônia de trabalho, gentileza que agradeço, comovido. Não vibra em minhas palavras qualquer prurido de personalidade, mas a estima recíproca e fiel a que nos devotamos. Urge considerar, porém, meus amigos, que este servo humilde não deve absorver o lugar que Jesus deve ocupar em suas vidas. E' muito difícil descobrir o amor sem jaça e a êle nos entregarmos sem reservas. E porque essa dificuldade é flagrante em todos os caminhos de nossa evolução, quase sempre incidimos no velho erro da idolatria. E' bem verdade que nos encontramos numa assembléia de corações simples e amigos, e que não cabem nesta sala vastas e maciças considerações filosóficas, para restringirmo-nos ao abençoado setor do sentimento. Mas, não posso ver fugir a oportunidade de sérias reflexões em torno do problema dos laços sagrados que nos unem, sem algemar-nos uns aos outros. Nossa estrada de aperfeiçoamento, bem como a senda de progresso da Humanidade terrestre, em geral, têm sido tortuoso caminho no qual pisamos sobre os ídolos quebrados. Sucedem-se nossas reencarnações e as civilizações repetem o curso em longas espirais de recapitulação, porque temos sido invigilantes, quanto aos caminhos retos.

Verificando-se nova pausa, em sua afetuosa e significativa exposição, observei que profundo respeito nos identificava a todos, em face da palavra venerável.

— Temos criado muitos deuses à parte — continuou o instrutor, comovido — para destruí-los, muita vez, em profundo desespero do coração, quando a realidade nos dilata a visão, ante o horizonte infinito da vida. Na procura de conforto individual, em face de problemas graves de nossa vida, raramente encontramos a solução e, sim, a fuga, somos capazes, para adiar indefinidamente a ação imprescindível da corrigenda ou do resgate. Virá,

porém, o dia de restauração da verdade, o momento de nosso testemunho pessoal.

Ele pousou em nós o olhar muito lícido, onde víamos o reflexo de serena emotividade, e, depois de longa pausa, retomou as elucidações das despedidas.

— E' por isso, meus amigos — prosseguiu, em tom fraterno — que o orientador consciencioso de sua tarefa não pode fugir aos imperativos da evolução de seus tutelados. De quando em quando, é necessário deixar o discípulo entregue a si mesmo, ainda que as mais belas notas de carinho nos sugiram o contrário. Junto do instrutor, o aprendiz, quase sempre, apenas observa. A distância, porém, experimenta e age, vivendo o que aprendeu. E' indispensável desenvolver os valores ilimitados, inerentes a cada um de nós, guardados como divina herança no potencial de nosso mundo íntimo. A proteção inconsciente, que subtrai o protegido ao clima da edificação que lhe é própria, elimina os germens do progresso, da elevação, do resgate individual. Estabelecer a dependência dessa ordem é criar o cativeiro do espírito, que anula nossa capacidade de improvisação e estimula os vícios do pensamento. Fugamos ao condenável sistema de adoração recíproca, em que a falsa ternura opera a cegueira do sentimento. Respeitemo-nos mutuamente, na qualidade de irmãos congregados para a mesma obra do bem e da verdade, mas combatamos a idolatria; bem-queiramo-nos uns aos outros, como Jesus nos amou; todavia, cooperemos contra a insuflação do exclusivismo destruidor. Somos depositários de grandes lições da vida superior. Pô-las em prática, estendendo mãos amigas aos nossos semelhantes, é o nosso objetivo fundamental. Cada um de vocês tem obrigações em separado, nos setores diferentes da atividade espiritual. Durante alguns meses, estivemos quase sempre juntos, quando a oportunidade permitia. Associados na mesma experiência, criamos laços santificados de amor que

nos identificam uns aos outros. Não podemos, porém, descansar sobre as comodidades do afeto. E' preciso enfrentar as asperezas do serviço, conhecer a luta, testemunhar aproveitamento. Nunca me valeria da qualidade de instrutor para impedir o crescimento mental de vocês. A Terra, que nos é mãe comum, reclama filhos esclarecidos que colaborem na divina tarefa de redenção planetária. Há multidões, por toda parte, escravas do bem-estar e da miséria, da alegria e do sofrimento, estranhas ao caráter temporário das condições em que se agitam. Todos vivem, mas raros espíritos de nosso mundo tomaram posse da vida eterna. O campo de trabalho é vastíssimo. Experimentem nêle o que aprenderam, despertando as consciências que dormem ao longo do caminho. O aprendizado fornece-nos conhecimento. A vida oferece-nos a prática. Unamos a sabedoria com o amor, na atividade de cada dia, e descobriremos a divindade que palpita dentro de nós, glorificando a Terra que aguarda nosso concurso eficiente, pelo equilíbrio e compreensão. Não faltam instrutores benevolentes e generosos e, além disso, vocês devem aplicar as lições que receberam, orientando, igualmente, o próximo em luta e os companheiros ainda frágeis. Só as vítimas voluntárias da idolatria convertem a ausência num vácuo. Não, meus amigos, não alimentemos qualquer processo doloroso de saúde sem otimismo e sem esperança. Imenso futuro de realizações sublimes com o Pai espera cada um de nós. Edifiquemo-nos, aceitando as experiências construtivas que nos convocam o esforço à possibilidade maior. Estimo profundamente a consolação individual, mas acima de nosso conforto, devemos procurar a libertação com o Cristo.

Incontestavelmente, a preleção era vazada em severidade afetuosa, que, no momento, não nos sabia bem ao coração, habituado às expressões de incessante carinho, mas tinha a virtude de acordar-nos para a verdade, chamando-nos a uma ati-

tude de legítimo entendimento. Ainda aí, numa simples reunião de despedidas, Alexandre sabia ser grande e generoso, impondo-nos um equilíbrio que, de outro modo, não saberíamos conservar. Embora a compreensão, porém, tínhamos os olhos úmidos. A separação dos bons, não obstante temporária, é sempre dolorosa. Na companhia dêle, havíamos aprendido sublimes ensinamentos. Forte e sábio, carinhoso e enérgico, exercitara-nos as asas frágeis nos grandes vôos de novos conhecimentos. Comparando nossa situação anterior à presente, observávamos evidente melhoria geral. Como não lhe dever, a êle, abençoado amigo de tôdas as horas, ilimitados testemunhos de amor?

Creio que a maioria partilhava os meus pensamentos, porque Alexandre, dando a idéia de que nos ouvia as reflexões mais íntimas, acrescentou:

— Devemos ao Cristo-Jesus tôdas as graças! Ele é o Divino Intermediário entre o Pai e nós outros. Saibamos agradecer ao Mestre as bênçãos, as lições, as tarefas. O espírito de gratidão, ao Senhor, alegra a vida e valoriza o trabalho dos servos fiéis!...

Em seguida, o instrutor levantou-se e, sorridente, abraçou cada um de nós, dirigindo-nos palavras de incitamento ao bem e à verdade, enchendo-nos de coragem e fé.

Equilibrados pela sua palavra esclarecida, os aprendizes não ousaram pronunciar qualquer exclamação, filha da ternura indiscreta. Estávamos todos edificadas, em posição serena e digna.

Epaminondas, o discípulo mais respeitável de nosso círculo, tomou a palavra e agradeceu, sóbriamente, estampando nas afirmativas nossos sentimentos mais nobres e endereçando ao instrutor amigo nossos ardentes votos de paz e êxito, na continuidade de seus trabalhos gloriosos.

Vimos que Alexandre recebia nossas vibrações de amor e reconhecimento em meio de profunda

emoção. Sua fronte venerável emitia sublimes irradiações de luz.

Terminada a breve saudação do companheiro, pronunciou algumas frases de agradecimento, que não merecíamos, e falou:

— Agora, meus amigos, elevemos ao Cristo nossos pensamentos de júbilo e gratidão, consagrando-lhe as inesquecíveis emoções de nosso adeus.

Manteve-se de pé, cercado de intensa luz safirino-brilhante, e, de olhos erguidos para o alto, estendeu os braços como se conversasse com o Mestre presente, embora invisível, orando com infinita beleza:

*Senhor, sejam para o teu coração misericordioso
Tôdas as nossas alegrias, esperança e aspirações!
Ensina-nos a executar teus propósitos desconhecidos,
Abre-nos as portas de ouro das oportunidades do serviço
E ajuda-nos a compreender a tua vontade!...
Seja o nosso trabalho a oficina sagrada de bênçãos
[infinitas,*

*Converte-nos as dificuldades em estímulos santos,
Transforma os obstáculos da senda em renovadas lições...
Em teu nome,
Semearemos o bem onde surjam espinhos do mal,
Acenderemos tua luz onde a treva demore,
Verteremos o bálsamo do teu amor onde corra o pranto
[to do sofrimento,
Proclamaremos tua bênção onde haja condenações,
Desfraldaremos tua bandeira de paz junto às guerras
[do ódio!*

*Senhor,
Dá que possamos servir-te,
Com a fidelidade com que nos amas,
E perdoa nossas fragilidades e vacilações na execução
[de tua obra.*

*Fortifica-nos o coração
Para que o passado não nos perturbe e o futuro não
[nos inquiete,
Afim de que possamos honrar-te a confiança no dia
[de hoje,*

*Que nos deste
Para a renovação permanente até à vitória final.
Somos tutelados na Terra,
Confundidos na lembrança
De erros milendrios,
Mas queremos, agora,
Com tôdas as forças da alma,
Nossa libertação em teu amor para sempre!
Arranca-nos do coração as raízes do mal,
Liberta-nos dos desejos inferiores,
Dissipa as sombras que nos obscurecem a visão de teu
[plano divino*

*E ampara-nos para que sejamos
Servos leais de tua infinita sabedoria!
Dá-nos o equilíbrio de tua lei,
Apaga o incêndio das paixões que, por vészes,
Irrompe, ainda,
No âmago de nossos sentimentos,
Ameaçando-nos a construção da espiritualidade superior.
Conserva-nos em tua inspiração redentora,
No ilimitado amor que nos reservaste
E que, integrados no teu trabalho de aperfeiçoamento
[incessante,*

*Possamos atender-te os sublimes desígnios,
Em todos os momentos,
Convertendo-nos em servidores fiéis de tua luz, para
[sempre!*

Assim seja.

A comovedora prece de Alexandre fôra a última nota do maravilhoso adeus.

Saimos. Em tórno, as flores exalavam agradabilíssimo perfume, à luz prateada da noite. E, ao longe, no alto dos céus, brilhavam os astros, como fulgurantes corações de luz, em praias distantes do Universo, imantados, como nós, uns aos outros, à procura das alegrias supremas da união com a Divindade.

FIM

NOTA DA EDITORA

Além desta obra, já editamos,
do mesmo autor — André Luiz:

“Nosso Lar” e
“Os Mensageiros”.